

Um terceiro trimestre infernal

Indústria tem primeira retração desde 99 e inadimplência bate recorde em dez anos

Flávia Barbosa, Flávia Oliveira,
Eliane Oliveira e Valderez Caetano

RIO e BRASÍLIA

A economia brasileira passou, entre julho e setembro, pelo seu pior trimestre desde a desvalorização do real, em 1999, de acordo com todos os dados fechados até agora. Projeções de analistas indicam que o Produto Interno Bruto (PIB) pode ter registrado retração de 0,5% no período e a indústria, queda de 3%, com recuo de 20% na produção de alumínio e de 24% na de automóveis. No varejo, o número de cheques sem fundos foi o maior em dez anos — nove milhões de voadores no período, de acordo com o Serasa. Já as consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) caíram 4,1%, voltando em setembro ao patamar da crise russa de 1998. Como pá de cal, levantamentos inéditos da Federação das Indústrias do Rio (Firjan) e da Federação do Comércio Varejista (Fecomércio) do estado sugerem um quarto trimestre ainda pior.

— O nível de atividade está no mesmo patamar do segundo trimestre de 2000. Avançamos um ano para voltar ao mesmo lugar — diz Alexandre Fischer, diretor da RC Consultores.

Reflexo da escalada do dólar, do aumento dos juros e do racionamento, indústria, comércio e serviços estão colhendo resultados muito menores do que os esperados no início do ano. O desempenho do varejo, a ponta da atividade econômica, desenha o cenário com precisão. Termômetro das vendas, o número de consultas ao SPC ficou em 1,291 milhão em setembro, em São Paulo, contra 1,309 milhão em setembro de 1998.

— As consultas devem cair 5% no último trimestre. A inversão de tendência foi completa em setembro, enterrando a expectativa de um ano melhor — diz Marcel Solimeo, da Associação Comercial de São Paulo.

Pessimismo impõe entre empresas e consumidores

• O cenário deve piorar, embora efeitos estatísticos (o terceiro trimestre foi o mais forte do que o quarto em 2000) provoquem projeção de um PIB maior. A pesquisa de perspectivas da indústria fluminense, concluída dia 30, revela que 41,46% dos industriais venderam menos no terceiro trimestre. Com isso, 47,56% dos 82 empresários ouvidos antevêm retração de vendas e consumo no último trimestre. Se isto ocorrer, 64,71% reduzirão produção e 44,12% demitirão funcionários.

— A sensação é de que a retração vai perdurar e expectativa pesa muito nas decisões de negócios. A pesquisa, neste sentido, é um mau sinal — afirma Luciana Sá, gerente de pesquisas da Firjan.

Encerrada há uma semana, a pesquisa de

A desaceleração da economia

O BRASIL EM MARCHA LENTA

Projeções para o PIB
(em relação ao mesmo trimestre de 2000)

	RC Consultores	BBV Banco
3º Trimestre	-0,5%	0,4%
4º Trimestre	-0,3%	0,9%

Projeções para as componentes do PIB*
(em relação ao mesmo trimestre de 2000)

	Indústria	Serviços	Agropecuária
3º Trimestre	-3%	2%	3,2%
4º Trimestre	-1,7%	2,4%	2,4%

Evolução das consultas ao SPC em São Paulo

Mês	Ano	Número de consultas
Set/98	1998	1.309.808
Set/99	1999	1.380.768
Set/00	2000	1.409.249
Ago/01	2001	1.558.607
Set/01	2001	1.291.428

Evolução dos cheques sem fundos
(devolvidos por mil emitidos)

Ano	1 tri/2001	2 tri/2001	3 tri/2001
1998	9,8		
1999	9,3		
2000	10,0	12,07	
1 tri/2001		12,97	
2 tri/2001			13,36

*Previsão do BBV

EXPECTATIVA DAS INDÚSTRIAS FLUMINENSES

O que mais preocupa atualmente em relação aos negócios?
(respostas múltiplas)

Preocupação	Porcentagem
Redução de vendas/consumo	47,56%
Aumento de custos	39,02%
Crise de energia	34,15%
Desvalorização do real	29,27%
Aumento de juros	21,95%

Se prevê queda de vendas, o que fará para reduzir os efeitos?
(respostas múltiplas)

Ação	Porcentagem
Reducir a produção	64,71%
Procurar novos mercados	61,76%
Demitir funcionários	44,12%
Oferecer descontos	20,59%
Aumentar exportações	14,71%

Qual a expectativa em relação às vendas de 2001?
(sobre as vendas de 2000)

Expectativa	Porcentagem
Menores	36,59%
Iguais	28,05%
Maiores	35,37%

EXPECTATIVA DOS CONSUMIDORES CARIOCAS

Está com alguma conta atrasada

Mês	Porcentagem
Setembro	24,46%
Agosto	18,62%

Está com crediário atrasado

Mês	Porcentagem
Setembro 2001	26,30%
Setembro 2000	14,05%

Como estará sua situação financeira no próximo mês?

Mês	Porcentagem
Setembro	24,44%
Agosto	29,64%

Como estará sua situação financeira daqui a seis meses?

Mês	Porcentagem
Setembro	28,35%
Agosto	32,19%
Mais	Porcentagem
Setembro	19,46%
Agosto	13,66%

Fontes: RC Consultores, BBV Banco, Serasa, ACSP, Firjan e Fecomércio

situação econômica do consumidor, da Fecomércio, indica que o orçamento familiar encerrou setembro estrangulado: 26,3% dos entrevistados estão com prestações atrasadas, contra 14% no mesmo mês de 2000; 40% viram os gastos básicos aumentarem em setembro; e mais de um terço tem hoje um financiamento. Por isso, menos de 25% dos consumidores acreditam que sua situação financeira vai melhorar em outubro e menos de um terço espera tempos abonados daqui a seis meses. Luiz Roberto Cunha, diretor do Instituto Fecomércio, conclui:

— A capacidade de gastar está muito curta, mesmo antes dos aumentos de ônibus e eletricidade no Rio. Isso abre a perspectiva de um Natal sombrio para o comércio.

Nos serviços, a procura por hotéis e viagens já caiu, especialmente a de negócios, no Rio. O Sindicato dos Trabalhadores em Hotéis e Restaurantes já prevê uma onda de demissões

até o fim do ano. Técnicos da área econômica do governo avaliam que, com o poder de compra da população cada vez menor, a crise também baterá em serviços como manicure, trabalhos domésticos e táxi.

Construção civil deixará de criar 90 mil vagas

• O setor de construção se prepara para fortes perdas daqui em diante. A expectativa de crescer 5% este ano já foi revista para menos de 2%. O presidente da Câmara Brasileira da Construção Civil, Luiz Roberto Ponte, afirma que, com este cenário, o setor vai deixar de雇用 cerca de 90 mil pessoas em 2001.

Nas companhias abertas, o cenário não é diferente. Embora os balanços do terceiro trimestre não tenham sido divulgados, os analistas

esperam que, de julho a dezembro, o setor produtivo apenas acentue as tendências sinalizadas nos três meses anteriores. Assim, empresas ligadas ao consumo devem amargar imensa retração. Consequência direta da alta dos juros, do dólar e do intenso desaquecimento da economia brasileira, após os atentados terroristas nos EUA, diz Ricardo Kobayashi, chefe da área de análises do Banco Pactual.

No setor elétrico, o racionamento continuará deprimindo as atividades. As teles vão sofrer com o aumento da inadimplência. As siderúrgicas estarão duplamente amarradas pela retração do mercado interno e pelo crescimento do passivo em dólares. Horizonte bom mesmo, só para os bancos e as companhias exportadoras, como Vale do Rio Doce, Aracruz e CST. A alta do dólar, segundo o economista Aluísio Campelo Jr., da Fundação Getúlio Vargas (FGV), vai compensar a queda nos preços das commodities. ■